

Geocentrismo loiseiro na interpretação do toque dos sinos das aldeias vizinhas¹

Teresa Machado²

No tempo da minha criação tinha muita importância o tóque dos sinos [e] como a Lousa fica no alto da serra ouvia-se o som dos sinos quando tocavam.

Então na aldeia da Cabeça Boa³ o sino tocava com o som fraco [numa voz fina, afeminado:] tem lendias tem lendias tem lendias⁴.

O do Pinhal logo acrescentava no mesmo tom de voz [:] tirailas tirailas tirailas⁵.

Respondia o do Vilarinho⁶ com som melhor [e masculino:] comquê comquê comquê

Vai a Loisa, vaidosa, com bom som grosso e pausado [:] cumpao cumpao cumpao⁷.

Mas da Lousa também se ouvem os sinos de Vila Nova de Foscoa esses já agradavam mais teem bom som por terem bom sino, eram nossos eram do nosso convento que os levaram para lá⁸.

O núcleo populacional da freguesia da Lousa, localiza-se entre as aldeias da Cabeça Boa, Pinhal do Douro e Vilarinho da Castanheira, como que no centro de um triângulo, a meio caminho das três e, por conseguinte, em localização privilegiada para daí se ouvir o toque dos sinos

1. Recolha, revisão, notas, fixação do texto e atribuição de título por Carlos d'Abreu; transcrição para ambiente informático por Feliz Morgado.

2. Lavradora da Lousa (1938), aldeia que limita com as freguesias da Cabeça Boa e Vilarinho da Castanheira e, num passado relativamente recente, também com as de Pinhal do Douro (hoje integrada na de Vilarinho) e Cabeça de Mouro (hoje na de Cabeça Boa). Cabeça de Mouro não é neste assunto mencionada, talvez pelo facto terem muito boas relações com os loiseiros, dizendo-se até que, a Loisa era "a vila dos da Cabeça de Mouro".

3. "Nas festas só se lá come milhos. São chulanos da barriga pelada" (Teresa Machado).

4. Lêndias, ou seja, os ovos dos piolhos da cabeça (*Pediculus humanus capitis* De Geer).

5. Já após este registo, demos conta através de Miguel Torga (*A criação do Mundo*, D. Quixote, 2002, pp. 17-18), que esta "leitura" do toque dos sinos ou sinetas, é comum a outra(s) localidade(s) transmontana(s).

6. Ou dos "soqueiros" (apodo colectivo), "porque faziam e andavam de sócos e sócas" (Teresa Machado)

7. Com (um) pau, à paulada.

8. Refere-se aos sinos que foram do convento da Santíssima Trindade, fundado na Lousa no século XV e nacionalizado nas reformas liberais, com a subsequente dispersão dos bens.

dos campanários das paróquias vizinhas, entre as quais, não obstante a similitude ao nível da dureza da vida, alguma rivalidade havia. Sobre a importância do toque dos sinos no mundo rural, deixemos um excerto dum poema do saudoso mirandês Amadeu Ferreira⁹:

(...)

*Todo l que ye amportante na mie tierra inda stá agarrado a
campanas a campaninas i al campanairo:
nacer i spertar morrer i drumir
sonhar sufrir i fazer pula bida
fiestas i perciones anterros i casamentos
todo a cunjuar berbos siempre ne l amperatibo.*

9. Fracisco Niebro, “campanas, campaninas, campanairo”, in *Cebadeiros*, Lisboa, Campo das Letras, 2000.